

A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DE PESQUISA EM ESTUDOS FEMINISTAS DE COMUNICAÇÃO E DE MÍDIA

CONSTRUCTION OF RESEARCH PRACTICE IN FEMINIST COMMUNICATION STUDIES AND FEMINIST MEDIA STUDIES

ENTREVISTA | INTERVIEW

Ana Carolina ESCOSTEGUY | UFSM | Brasil

Entrevista concedida à **Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora**, Ana Carolina Escosteguy aborda as principais contribuições dos Estudos Culturais para as pesquisas na área da Comunicação e Informação. A pesquisadora responde perguntas que abordam as contribuições do feminismo no âmbito dos Estudos Culturais, o estudo das relações da mídia e a construção de identidades e, principalmente, a relação entre estudos em comunicação e as questões de gênero. A professora da UFSM enfatiza a importância de refletir sobre essas questões a partir das características do nosso contexto e da conjuntura político-cultural.

Ana Carolina Escosteguy é a entrevistada especial da Revista Âncora neste dossiê temático intitulado "Estudos feministas e de gênero em jornalismo: história, metodologia e epistemologia". Pesquisadora com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2001, integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000), com um período de estudos no Department of Cultural Studies and Sociology da University of Birmingham (UK), e fez pós-doutorado no CAMRI (Communication and Media Research Institute), da University of Westminster (UK).



Tem desenvolvido e orientado projetos na área de Comunicação e Cultura da Mídia, especialmente sobre identidades culturais, com destaque para as construções de gênero. Entre outras publicações, é autora de Cartografias dos estudos culturais (Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2001) e coordenadora de As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais – (Re) Configurações de uma ruralidade (Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2019), disponível online.

A entrevista foi conduzida pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Jessica Gustafson. Ela integra o grupo de pesquisa TRANSVERSO: estudos em jornalismo, interesse público e crítica.

Palavras-chave | Feminismo; Gênero; Estudos Culturais; Pesquisa Científica.

Keywords | Journalism; Feminism; Gender; Cultural studies; Scientific research.

ENTREVISTA REALIZADA EM 05 DE OUTUBRO DE 2019
APROVADA EM 24 DE OUTUBRO DE 2019

João Pessoa – Brasil | **ANO 6 VOL.6 N.2** | JUL./DEZ. 2019 | p. 372 a 380

Revista Latino-americana de Jornalismo | ISSN **2359-375X**

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – UFPB

ÂNCORA

ENTREVISTA

372



Os Estudos Culturais podem ser caracterizados pela diversificação de objetos de estudo ao longo das décadas, a partir de múltiplos deslocamentos teóricos, entre eles os produzidos pelo feminismo. Quais os principais impactos e contribuições do feminismo no âmbito dos Estudos Culturais?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Em primeiro lugar, gostaria de fazer uma delimitação sobre os Estudos Culturais, pois entendo que não é possível falar de um ponto de vista geral como se os estudos culturais fossem um corpo unificado e homogêneo, constituindo-se da mesma forma em qualquer lugar. Eu sigo o entendimento de Raymond Williams que os estudos culturais são tanto um projeto intelectual quanto uma formação. Como eu assumo um vínculo com uma determinada tradição de estudos culturais, especialmente, aqueles que se desenvolveram a partir do Centre for Contemporary Cultural Studies, sediado na Universidade de Birmingham, é partir daí que vou responder a essa questão. Entendo que o feminismo teve impacto tanto na prática da pesquisa (na estrutura dos grupos do Centro, no trabalho e funcionamento coletivo e, também, na metodologia) quanto na análise cultural propriamente dita, em termos de objetos/problemáticas e categorias analíticas - que se desenvolvia no CCCS. Vinculadas principalmente ao Women's Liberation Movement, as estudantes do CCCS organizaram, em 1974, o Women's Studies Group onde, em um

Creio que se pode atribuir a participação das mulheres/estudantes do CCCS a valorização de metodologias centradas na experiência dos atores sociais

Ana Carolina Escosteguy
Universidade Federal de Santa Maria

primeiro momento, foi admitida a participação masculina. Porém, quase concomitante à criação desse grupo, também, marcaram presença em outros grupos. Por exemplo, no Subcultures Group, pressionaram pela investigação do caráter de gênero da cultura juvenil do pós-guerra, tendo participado da pesquisa coletiva publicada em 1975, *Resistance through Rituals*. Também, no Race and Politics Group, tendo participação na coletânea *The Empire Strikes Back: Race and Racism in 70's Britain*. Contudo, somente em 1978 é que vai ser produzida a primeira coletânea do CCCS, exclusivamente, centrada em questões de mulheres, *Women take issue: Aspects of Women's Subordination* (1978). Vencer a disputa sobre qual tema mereceria ser destacado na mais importante publicação anual do CCCS foi um triunfo. Isso ocorreu no final de 1977, na reunião anual de apresentação de resultados de cada grupo de estudos do Centro.

Essa história mais de organização, de batalha por abertura de espaços e de presença, embora minoritária, em outros grupos do CCCS, e, por sua vez, em distintas coletâneas dessa época – 1975-1985, reconhecida como a mais produtiva e que rendeu o reconhecimento acadêmico dos estudos culturais, também, é muito importante. Mostrou a potência do feminismo no desenvolvimento dos estudos culturais, abrindo a análise cultural para a valorização da esfera privada e de esferas públicas alternativas, para a valorização da categoria gênero e o deslocamento da centralidade na noção de classe social, bem como com questões de sexualidade, subjetividade, emoção e prazer. Ainda, creio que se pode atribuir a participação das mulheres/estudantes do CCCS a valorização de metodologias centradas na experiência dos atores sociais. Digo isso porque na introdução da coletânea *Women take issue*, as autoras mencionam o impacto gerado, na reunião anual de 1977, pela escuta de vozes de mulheres que relatavam sua experiência de opressão e subordinação, revelando uma conexão entre experiência pessoal e teoria. Ou seja, a estratégia metodológica usada pelo Grupo de Estudos de Mulheres, também, foi importante para estabelecer a “interrupção” do feminismo nos estudos culturais, mencionada por Stuart Hall. Eu falo mais detalhadamente dessa contribuição em um dos meus primeiros textos sobre o tema, *A contribuição do olhar feminista*, publicado em 1998, e mais recentemente, no artigo *Stuart Hall e feminismo: revisitando relações* (2016) e, também, em paper apresentado em congresso da Compós, *Estudos culturais e feminismo ou estudos culturais feministas?* (2018).



Atualmente, o papel da mídia na construção das identidades é o principal enfoque de pesquisas que articulam os Estudos Culturais e a Comunicação? Você poderia explicar algumas características desta abordagem.

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Acho temerário responder afirmativamente e em tom definitivo a essa pergunta. Eu diria que é uma das problemáticas com forte atração hoje. Porém, o mais importante é reconhecer que as relações entre mídia e identidades podem ser abordadas de distintas formas dentro do âmbito dos estudos culturais. Vou tentar sintetizar uma ideia a respeito, em termos teórico-metodológicos. Claro, com isso posso ser acusada de simplista! Em princípio, a problemática das identidades pode ser desenvolvida a partir de dois grandes vértices: um mais textualista e/ou discursivo e outro, empírico e imerso na vida cotidiana. No primeiro âmbito, estão as análises que se centram na importância e compreensão

da linguagem. Destacam-se as dimensões ideológicas que, em um primeiro momento, constituíram análises bastante deterministas, atribuindo a mídia um papel impositivo de normas de comportamento e atitudes. Mais tarde, esse olhar foi flexibilizado e os sentidos foram pensados como um processo de negociação entre mídia e agentes sociais. Tem também o desdobramento do enfoque que assume que os meios estão implicados na definição da realidade e, portanto, na construção de distintas representações. Assim, temos como pertencendo ao leque de possibilidades do vértice textualista/discursivo, a análise de representações, de estereótipos e, atualmente, com forte presença no campo dos estudos culturais, a análise foucaultiana. Todas essas possibilidades têm implicações no estudo das relações da mídia e a construção de identidades, dentro da área da Comunicação, podendo ainda algumas delas ser combinadas com a análise das condições de produção, referentes à mídia, e do contexto sociopolítico e cultural mais amplo. No outro vértice, identifico a possibilidade de estudar o sujeito social construído na cultura, via estratégias metodológicas como, por exemplo, entrevistas, histórias de vida, de caráter etnográfico. Nesta direção, coordenei uma pesquisa onde foram realizadas entrevistas biográficas de um grupo de mulheres que trabalhavam no setor dos serviços de embelezamento – entre os artigos publicados com resultados dessa investigação, dá para ver Melodrama e heroização: a mídia no relato biográfico (2013). Ressalto que, embora tenha falado em termos de uma cronologia, sobretudo, no desdobramento do primeiro vértice, todas essas abordagens convivem na atualidade, ou seja, estão ativas no campo dos estudos culturais.

O mais importante é reconhecer que as relações entre mídia e identidades podem ser abordadas de distintas formas dentro do âmbito dos estudos culturais

Ana Carolina Escosteguy
Universidade Federal de Santa Maria



Em texto recente você detecta um “interesse volátil dos estudos de mídia pelas questões de gênero”. Como a configuração do campo dos estudos de mídia contribui para o descompasso no tratamento da temática em comparação com outros campos?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Pois é... essa questão de um laço débil, frouxo entre comunicação e questões de gênero tem que ser pensada a partir das características do nosso contexto e conjuntura, tanto no que diz respeito ao âmbito da

sociedade brasileira (em especial, o período da ditadura e da redemocratização) e à constituição do movimento feminista entre nós, vinculado a essa época, quanto nas condições e particularidades da formação dos estudos de mídia e/ou em comunicação (uso aqui, de modo equivalente, estudos de mídia e/ou de comunicação porque não está em discussão e o acúmulo de um reservatório de pesquisas sobre o tema. Também é importante lembrar que as questões de gênero englobam uma diversidade de vertentes e que a sobreposição gênero e feminismo enquanto movimento político e perspectiva teórica compõe um eixo de uma discussão muito mais ampla e diversa. Eu me situo nessa última “equivalência” – gênero/feminismo. Então, trato um pouco disso – do “interesse volátil”- nesse texto apresentado na Compós de 2019, Mídia e

Acho que esse conjunto ínfimo de três artigos de autores da Comunicação em quase uma década flagra o desinteresse pela temática entre nós

Ana Carolina Escosteguy
Universidade Federal de Santa Maria

questões de gênero no Brasil: Pesquisa, categorias e feminismos. Também, falei disso em uma entrevista, publicada em 2011, na Feminista Media Studeis – Negotiating the local/global in Feminist Media Studies: Conversations with Ana Carolina Escosteguy and Anita Gurumurthy. Vou recuperar

apenas alguns dados para sustentar essa ideia. Entre nós, é somente nos anos 1990 que são criadas as primeiras publicações científicas regulares dedicadas ao tema: Revista Estudos Feministas (1992) e Cadernos Pagu (1993). Em análise do que foi publicado nessas duas fontes, no período de 2001 a 2009, Lírian Sifuentes, Bruna Rocha Silveira e Janaína Cruz Oliveira (Revista Derecho a Comunicar, 2012), alunas na época, encontraram: de um total de 42 edições e 560 artigos, 17 artigos da REF e 10 da Cadernos Pagu se enquadravam nas relações Comunicação e Gênero, isto é, 4,8 %. Ainda, desse número total, apenas, três artigos foram escritos por pesquisadoras da Comunicação! Os outros eram oriundos das Ciências Sociais, da Educação. No período analisado, Cadernos Pagu, em 2003, e REF, em 2007, publicaram cada uma um dossiê Mídia. Acho que esse conjunto ínfimo de três artigos de autores da Comunicação em quase uma década flagra o desinteresse pela temática entre nós. Além disso, no campo institucionalizado da comunicação, por exemplo, na INTERCOM, é recém em 1996 que foi criado um Grupo de Trabalho para tratar do assunto: o GT Comunicação e Mulher. Em 1998, ele passou a ser

chamado de Comunicação e Relações de Gênero e, em 2000, deixa de existir, passando a ser apenas uma temática dentro do GT Comunicação e Minorias. E, na Compós, foi neste ano (2019) que passou a funcionar o GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades – já incorporando múltiplas possibilidades de abordagem. De toda forma, esse é outro forte indicador de um vínculo muito fraco entre Comunicação e questões de gênero.



Os estudos de recepção, a partir do seu enfoque no prisma cultural da relação entre a audiência e os meios de comunicação, podem contribuir para as pesquisas que abordam gênero como categoria de análise?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Claro que sim!! O fato eu que tenha escrito, em 2002, em Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias, que o termo gênero estava sendo utilizado nos estudos de recepção, da década de 1990, apenas como uma distinção sexual, como diferenciação biológica e como uma variável sociodemográfica, referido às mulheres, sem uma discussão teórica mais aprofundada, não implica em desconsiderar sua contribuição. Além disso, mesmo esses estudos, do meu ponto de vista, deram sua contribuição, em um nível descritivo, ao revelar o universo cultural das mulheres tomadas como sujeitas das pesquisas analisadas na época. E análise mais recente dos estudos de recepção, da primeira década de 2000 (2000-2009), realizados dentro de programas de pós-graduação em comunicação, de Lourdes Silva e Valquiria John (2016), conclui que ainda se continua trabalhando com um modelo binarista, mas também assinala mudanças importantes nesse percurso: por exemplo, a inclusão da discussão de identidade lésbica nos estudos de recepção, portanto, abrindo para a presença de outras vertentes associadas às questões de gênero que não aquelas circunscritas às mulheres.



Neste sentido, como a categoria gênero tem sido acionada nos estudos de comunicação e quais os principais desafios dos estudos feministas no campo?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Em princípio, a categoria gênero nos estudos de comunicação tem sido mais usada referindo-se às mulheres e ao universo feminino. Um dos mais recentes trabalhos que apresenta dados a esse respeito é a tese de doutoramento de Tainan Pauli Tomazetti (UFRGS, 2019). Portanto, é bastante incipiente, na Comunicação, sua vinculação às identidades LGBT+ e ao viés queer, por exemplo. Isso também é uma particularidade do campo da Comunicação. De toda forma, hoje, vejo como muito útil pensar as formas como a categoria gênero tem sido acionada nos estudos de comunicação a partir das considerações da Aline Bonetti (2011/2012). Isto é, ela nos fala em gênero como categoria descritiva, como categoria analítica e como categoria teórico-epistemológica. Esta última é aquela

Hoje, vejo como muito útil pensar as formas como a categoria gênero tem sido acionada nos estudos de comunicação.

Ana Carolina Escosteguy
Universidade Federal de Santa Maria

que adquire maior expressão, se pensarmos que implica em um modo específico de produzir conhecimento sobre o mundo. Contudo, do meu ponto de vista, não todos os trabalhos que se utilizam dessa categoria nos estudos de comunicação DEVEM aderir

e/ou alcançar esse modo de pensar. O importante é perceber **como** se está trabalhando com ela. Quando estivermos produzindo pesquisa que usa gênero como categoria teórico-epistemológica, estaremos constituindo, **entre outras possibilidades**, uma prática em estudos feministas de comunicação e/ou estudos feministas de mídia.



Como outras categorias de grande relevância aos Estudos Culturais, pensando a partir da ideia de interseccionalidade, têm sido utilizadas para refletir sobre os processos de comunicação?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Em primeiro lugar, o termo interseccionalidade não pode ser tomado como uma palavra mágica. Atualmente, venho tentando discutir a seguinte questão: o fato de não lançar mão do termo interseccionalidade, não significa que a interação entre categorias como gênero e classe ou mesmo gênero/classe/raça esteja ausente nos estudos de comunicação.

Agora, se esses cruzamentos estão presentes, são discutidos de modo permanente ou descontinuado, é outra coisa. A ideia que tem que ser preservada é que existem várias categorias sociais que se interseccionam, se sobrepõem, afetam e são afetadas entre elas, em situações diversas de análise cultural. E, mais importante ainda, pelo menos no meu entendimento, é que existem disputas entre essas categorias, mas não existem causalidades lineares. Se assumimos esse entendimento, podemos encontrar pesquisas que fizeram e estão fazendo isso. De imediato, posso citar alguns trabalhos de Veneza Mayora Ronsini, de Milena Freire, ambas da UFSM e, também, de ex-orientandas que, de formas distintas, encararam essa questão: a tese da Lírian Sifuentes (PUCRS, 2014), a dissertação de mestrado da Fernanda Nascimento (PUCRS, 2015) e da Lucia Loner Coutinho (PUCRS, 2010). E, claro, devem existir outras tantas... para referenciar.



Os estudos feministas e de gênero aparecem na Comunicação com maior frequência a partir da década de 2010. Acreditamos que como consequência deste fato, estudos com caráter de pesquisa da pesquisa, ou estado da arte, têm se intensificado. Como você avalia as contribuições destes estudos para o campo?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Acho a realização desse tipo de análise e de trabalho muito importante. É muito valioso e eu encorajo quem quer realizá-lo. Isso ajuda quem vai iniciar uma pesquisa ou já está investigando sobre o tema e afins. Eu mesma costumo me valer desses estudos como um primeiro panorama sobre algumas questões referentes ao tema. Mas, claro, há ressalvas. Do meu ponto de vista, não é salutar que ao realizar um estudo desse tipo se adote uma postura normativa, reguladora do que deveria ser. Outro aspecto importante é que “a pesquisa da pesquisa” não pode criar uma visão “isolacionista”; é preciso pensá-la, por mais difícil e complexo que seja, em intersecção com a produção de conhecimento em outros campos. Também, quais objetos estão contemplados nas fronteiras estabelecidas e quais estão fora. Então, é necessário ser cuidadoso e ter clareza em relação à posição que se assume ao enfrentar tal tipo de pesquisa. De outro lado, o crescimento da produção acadêmica sobre o tema juntamente com a expansão da pesquisa em comunicação e um

reconhecimento sobre suas próprias fragilidades, incluídas aí as dimensões teóricas e metodológicas, potencializam encampar esse tipo de pesquisa.



A articulação entre a militância feminista e a pesquisa acadêmica se torna mais nítida nos últimos anos e as pesquisas passam a explicitar mais abertamente o seu caráter político. Essa mudança epistemológica potencializa a produção de conhecimento?

Ana Carolina ESCOSTEGUY

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Com certeza! Essa é uma característica da pesquisa feminista: a conexão entre experiência pessoal que é política – o slogan “o pessoal é político” foi fundamental para o processo de descoberta desse vínculo - e teoria. Agora, nem todos ocupamos os mesmos lugares e nem somos ativistas da mesma forma. Eu, por exemplo, reconheço que é no espaço da docência e da pesquisa onde exerço fundamentalmente minha prática política feminista. Ter escolhido determinados temas e não outros para pesquisar, estudar, falar, ensinar, orientar, escrever e publicar constitui minha militância.

Ter escolhido determinados temas e não outros para pesquisar, estudar, falar, ensinar, orientar, escrever e publicar constitui minha militância.

Ana Carolina Escosteguy
Universidade Federal de Santa Maria

